

DAS MEMÓRIAS ÀS VEREDAS: *REVISTA USP* – LETRAS, CENAS E SONS¹

Lucia de Oliveira Almeida

Apresentação

Os *Cadernos de Opinião*, a revista *Novos Estudos* do Cebrap e a *Revista USP* foram as publicações apresentadas como possíveis opções para o início de meu trabalho de pesquisa junto ao projeto “Poéticas Contemporâneas”. No fim dos anos noventa, momento em que cursava a quarta fase do curso de Letras, iniciei minhas atividades de pesquisa como bolsista de iniciação científica. Após a leitura de alguns exemplares dos três periódicos, a revista vinculada à Universidade de São Paulo, com a austeridade já estampada na séria capa de tom pastel e a densidade de seus longos ensaios que conformavam encorpados fascículos de cerca de duzentas páginas, pareceu-me a publicação dotada de maiores dificuldades para o leitor. Um atrativo incontornável naquela ocasião marcada pelo entusiasmo direcionado ao início do curso de letras e ao ingresso em um projeto de pesquisa. Com o andamento da leitura e da catalogação do periódico, à atração incauta pela dificuldade se soma a percepção de que trabalhar com a *Revista USP* implicava refletir sobre um periódico ainda publicado, uma revista viva, e mais, implicava refletir sobre um objeto que provocava reações mesmo naqueles que nunca se aventuraram por suas páginas. Minha resposta para a freqüente pergunta “com o que você trabalha em sua pesquisa?” era sempre seguida de reações que evidenciavam desde rechaço até admiração, pois ainda que não conhecessem a revista, os interlocutores emitiam esta ou aquela opinião sobre a universidade a que está vinculada.

Trabalhar com a revista significava, portanto, lidar com as leituras acerca de uma tradição crítica formada a partir da USP, com a qual a revista está sem dúvida conectada. Porém, este trabalho implicava também a capacidade de driblar a pressuposição e de preservar o frescor no processo de leitura de uma publicação, para mim, até então desconhecida. A preservação desse espaço aberto à possibilidade da surpresa foi um dos parâmetros para delinear as “diretrizes do meu olhar”. Um olhar que se concentra sobre a multiplicidade de operações discursivas ali realizadas em ensaios, resenhas, poemas e editoriais que se aglutinam, conformando uma combinação de fragmentos que, a meu ver, configura uma imagem-mosaico. Entender o jogo de presenças e ausências que se processa na revista, ou

¹ A tese “Das memórias às veredas: *Revista USP* – letras, cenas e sons” foi defendida em 29/02/2008.

seja, perceber as forças que atuam na combinação desses fragmentos, em sua inclusão e exclusão nessa imagem, foi desde o início uma das diretrizes antes mencionadas. Para isso, foi necessária a realização de uma movimentação constante de aproximação e distanciamento dessa imagem desmesurada, composta por cerca de oitocentos ensaios relacionados a diversas áreas do conhecimento, que dão forma ao caráter multidisciplinar da revista. Ficou claro, desde o início, que a realização da pesquisa envolveria de minha parte a construção de uma antologia. Uma iniciativa facilitada pela dinâmica do trabalho desenvolvido no projeto “Poéticas Contemporâneas”, pois foi a partir do longo processo de leitura e indexação dos fascículos da revista que se deu a sintonia fina da pesquisa. Os quarenta números que compõem a primeira década de publicação da revista foram indexados na base de dados do projeto que possibilita diversos tipos de pesquisa e gera um sem número de estatísticas que se convertem em elementos valiosíssimos na análise do material.

A observação das informações referentes aos dez primeiros anos da publicação pôs em evidência a existência de uma série de dossiês voltados para a análise da produção cultural recente, mais especificamente, a música popular, o teatro e o cinema. Essas “leituras” quando vistas em conjunto revelam um presente recheado de passado. Um presente cuja face exhibe uma saudade do teatro realizado a partir do texto dramaturgico, da música empenhada em algo mais que o entretenimento e do cinema que veiculava uma “face” nossa, na qual o povo podia se reconhecer, desempenhando, de acordo com a perspectiva de alguns ensaístas, um papel na construção da nação brasileira. Esse elo com o povo teria se rompido nos anos oitenta e noventa. O foco desses autores está nesse “elo perdido”, nessa “face oculta”.

Numa fase em que as imagens se fragmentam e os grandes relatos sofrem questionamentos, emerge a saudade de um momento em que essas categorias davam, aos olhos dos ensaístas, maior estabilidade aos objetivos das manifestações culturais. No vasto campo das reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo, as elaborações de Jesus Martin-Barbero e de Renato Ortiz me revelaram um caminho para o tratamento do tema em conexão mais direta com a abordagem que se realiza na revista, pois ambos os autores - o primeiro voltado para um contexto latino-americano e o segundo concentrado no nosso próprio espaço - pensam sobre essas categorias de forma articulada à atuação da indústria da cultura, envolvendo a crescente penetração dos meios de comunicação. É justamente essa articulação, permeada por zonas de conforto e tensão, o que mais se evidencia no corpo das colaborações dos ensaístas, que assinalam uma aridez no momento presente que deixa como saldo, de acordo com essa perspectiva - além da nostalgia em relação a um período em que a produção artística estava conectada às movimentações em torno da construção de uma

identidade nacional – algumas perguntas no ar: é possível entrar no mercado e ao mesmo tempo manter o poder de crítica? Pode-se disputar espaços com objetos que visam unicamente ao entretenimento sem repeti-los? Como ocupar lugar no mercado sem internacionalizar a produção? Como fazer cultura popular em dois sentidos, ou seja, que se “comunique” com o público e que exista em seu favor? A literatura emerge esporadicamente nesse balanço sempre desvinculada dos problemas ali apontados. O texto literário surge como uma espécie de marco de estabilidade posicionado em contraposição ao “vale tudo” que teria se instalado nos anos em questão.

Na primeira visada sobre o texto literário no periódico identifiquei uma base de sustentação com os contornos de um tripé, formado pela criação de Machado de Assis, de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa. Durante um longo período esse tripé dominou as minhas preocupações e investigações na revista. Com a continuidade da pesquisa, o que inicialmente se vislumbrava em forma de tripé, passou a revelar muito mais um eixo apoiado sobre duas balizas que demarcam os limites do cânone literário que a revista visa preservar. A primeira baliza se desenha em um momento no qual Décio de Almeida Prado chefiava o conselho editorial e capitaneava com lupa a construção de cada fascículo. Na entrevista concedida por Francisco Costa, o editor ressalta o papel imprescindível de Décio na consolidação do projeto editorial da revista. É justamente nessa fase que se concentram todas as colaborações de Antonio Candido, reconstituindo a parceria originada na época da publicação da revista *Clima* e depois retomada no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*. Se na *Formação da Literatura Brasileira* era em Machado de Assis que culminava o processo descrito por Antonio Candido. É justamente a partir desse ponto que a revista e o próprio Antonio Candido abrem os trabalhos de reflexão sobre a literatura brasileira, dando corpo a um esforço de preservação de um cânone literário que tem no bruxo do Cosme Velho uma de suas bases fundamentais. Uma base já evidenciada no primeiro fascículo do periódico pelo ensaio de João Alexandre Barbosa “A volúpia lasciva do nada”.

Além desse ciclo machadiano, que se instala na fase inicial da revista, percebe-se também nos fascículos que compõem a primeira década da publicação o direcionamento do foco para João Guimarães Rosa, principalmente, para *Grande sertão: veredas*. O professor Willi Bolle, por exemplo, adianta na revista as reflexões que mais tarde viriam a compor seu estudo intitulado *grandesertão.br*, no qual a despeito de todo o reconhecimento crítico já obtido pela narrativa de Guimarães Rosa, o autor defende a tese de que a narrativa de Guimarães Rosa deveria ser reconhecida também pelas suas contribuições para a interpretação da nacionalidade. O ensaísta busca aproximar *Grande sertão: veredas* da linhagem dos

“estudos brasileiros” que marcaram a primeira metade do século XX. Além das reivindicações de Willi Bolle, *Grande Sertão: Veredas* é posicionado no dossiê “30 anos sem Guimarães Rosa”, como última baliza de um cânone literário que se abre com Machado de Assis e se encerra com o autor mineiro e sua obra “comprometida” em retratar o Brasil. Um comprometimento do qual a criação literária, aos poucos, toma distância, para não dizer que se desliga. Um desligamento que toma corpo justamente a partir da fase que a revista considera encerrar o ciclo virtuoso da literatura brasileira. Um ciclo constituído pelo cânone modernista.

Em 1965, Antonio Candido em suas reflexões sobre a relação entre literatura e sociedade, considera que a força do Modernismo teria residido na própria abrangência de seu escopo, que proporcionou uma facilitação para o desenvolvimento da sociologia, da história social, da etnografia, do folclore, da teoria educacional, da teoria política. Todo esse desenvolvimento intelectual, segundo o crítico, ocorreu sem que a literatura deixasse de ocupar uma posição-chave. “A destruição de tabus formais, a libertação do idioma literário, a paixão pelo dado folclórico, a busca do espírito popular, a irreverência como atitude” são algumas contribuições do Modernismo que permitiram “a expressão simultânea da literatura *interessada*, do ensaio histórico-social, da poesia libertada”.² Porém, depois de 40, segundo o crítico, inaugura-se um novo período, pois enquanto nos anos 20 e 30 se pôs em marcha um esforço para construir uma literatura universalmente válida pela sua participação nos problemas gerais do momento mediante uma fidelidade ao local, depois de 40, desenvolve-se uma separação “entre a preocupação estética e a preocupação político-social”. A literatura se volta sobre si mesma, especificando-se e assumindo uma configuração propriamente estética; ao fazê-lo, deixa de ser uma viga mestra, para alinhar-se em pé de igualdade com outras atividades do espírito”.³ O crítico chama a atenção para o encolhimento dos papéis desempenhados pela literatura, que de braços dados com a sociologia vinha agindo como um “poderoso ímã” interferindo com a tendência sociológica, o que originou um gênero misto de ensaio que se construiu na interseção entre a história e a economia, a filosofia e a arte, dos quais se pode citar *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. É no limite temporal em que ocorrem as modificações descritas por Candido com relação ao distanciamento da literatura do comprometimento com uma interpretação da nacionalidade que Willi Bolle congela a imagem da literatura em *Grande Sertão: Veredas*. Sem questionar a validade dos estudos que

² Idem. Ibidem, p.123-24.

³ Idem. Ibidem, p.120.

não adotam o ponto de vista sociológico na leitura da narrativa de Riobaldo, o que se busca é retomar um olhar prévio à saída do Modernismo de modo que o canonizado *Grande Sertão: Veredas* seja reconhecido também por seus atributos enquanto retrato do Brasil.

Em meio ao violento processo de monumentalização de *Grande sertão: veredas* ocorrido no dossiê “30 anos sem Guimarães Rosa”, destaca-se um ensaio que desapareceu do foco ao longo da pesquisa, mas que foi fundamental nos seus passos iniciais. Trata-se do texto de Décio Pignatari “Metáfora: barroco, surrealismo, Rosa”, que instala um dado de estranheza no dossiê. O ensaísta toma uma pergunta como ponto de partida. Uma pergunta que me levou a percepção repentina da reflexão acerca da literatura hispano-americana na revista, até então um fragmento por mim ignorado na imagem mosaico em formação. Décio inicia seu texto fazendo referência a uma pergunta que fez a Octavio Paz quando o poeta mexicano esteve no Brasil realizando algumas conferências. À pergunta sobre os possíveis vínculos entre o surrealismo e o barroco, o poeta mexicano responde negativamente, admitindo apenas afinidades incidentais. Foi a partir da estranheza desse texto, no qual em duas páginas Décio Pignatari tenta elucidar as possíveis afinidades entre o barroco e o surrealismo e a posição da literatura latino-americana e, mais especificamente de Rosa, nesse cenário, que decidi me debruçar, em alguma medida, sobre a leitura que a revista realiza de Octavio Paz e das reapropriações do Barroco no século XX, os dois veios principais da aproximação da revista à literatura hispano-americana. Horácio Costa e Haroldo de Campos, um dos mais assíduos colaboradores da revista, juntamente com Irlemer Chiampi e Celso Lafer trazem Octavio Paz à cena, já no ciclo inicial da revista. O mesmo grupo de autores com o acréscimo do espanhol Andrés Sanchez Robayna tenta traçar os contornos da literatura neobarroca no periódico. Um grupo que não participa das reflexões dos dossiês e mais especificamente da reflexão sobre *Grande sertão: veredas*, mas que em outros fóruns dá destaque aos traços de proliferação barroca encontrados na narrativa de Riobaldo, conectando o *Grande sertão* a um outro circuito de relações. O quase que total silêncio no tocante a essa leitura é sintomático em relação à forma como os campos de força atuam na viabilização do periódico.

A imagem frontal, constituída a partir das balizas fincadas pela revista, incorpora o cânone modernista e se evidencia também através de outros campos de observação, pois embora não se realize nenhum dossiê sobre os ficcionistas e poetas da fase heróica do modernismo as estatísticas geradas a partir da catalogação da *Revista USP* revelam sua onipresença, visto que cabe à literatura a liderança entre os temas dos ensaios, que, por sua vez, têm em Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Antonio Candido as figuras mais citadas, superados apenas por Walter Benjamin e Karl Marx. No caso dos autores citados

apenas nos ensaios sobre literatura o cenário pouco se altera, deixando, porém, mais clara a constituição do eixo sobre o qual se apóia a leitura proposta pela revista, já que Oswald de Andrade e Mário de Andrade passam a ocupar as primeiras posições, seguidos por Guimarães Rosa, Antonio Candido, Haroldo de Campos, Walter Benjamin e Machado de Assis. A entrada mais explícita do modernismo nos dossiês ocorre na revista de número 38 que homenageia os “intérpretes do Brasil”. Nessa homenagem disfarçada de dossiê, a revista rende tributos a três autores ali definidos como “gigantes de nossa cultura”: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr., dando maior corpo à tradição reivindicada por Willi Bolle na revista.

“Das memórias às veredas: *Revista USP* – letras, cenas e sons” é a materialização dos esforços aqui descritos. Uma pesquisa que se volta para a investigação no âmbito da revista das escolhas que redundam em preenchimentos e em espaços ociosos, ou ainda, de sombras na imagem-mosaico que se configura, mediante o direcionamento do foco para o desenho formado pela trama e para o avesso dessa urdidura, para o discurso audível e para o diálogo surdo.